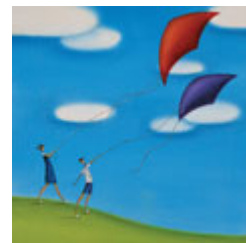


## METÁFORA DA PIPA



Quem já empinou pipa sabe que o segredo para o sucesso da brincadeira está em aproveitar a força e a direção do vento para fazê-la subir e depois, quando já no ar, saber tencionar a linha, pois quando muito esticada rompe-se, fazendo com que a pipa solta se perca pelos ares, ou, ao contrário, quando muito frouxa, leva a pipa a rodopiar nas alturas e cair.

Temos o conhecimento de que o jovem adolescente, objetivando a autonomia adulta, vez por outra não apresenta ferramentas que lhe permitam um posicionamento autônomo. Assim, trata-se de um tempo de construção de autonomia, e não uma época de um comportamento autônomo.

Por esse motivo, recorro à representação da pipa. Ao “dar linha”, lançamos nossos adolescentes para as escolhas e decisões que já são capazes de fazer. Não podemos cerceá-los, pois corremos o risco de estar possibilitando a formação de adultos irresponsáveis.

Todavia não podemos confundir autonomia com irresponsabilidade. Os novos jovens precisam ser responsabilizados pelas suas ações, pois, se ser autônomo é ser “dono do próprio nariz”, também significa saber cuidar, ser responsável pelo próprio nariz. O saber cuidar só se consolida quando ocorre um exercício de responsabilidade pelas escolhas realizadas e pelas conseqüências que delas possam advir.

Por outro lado, os pais não podem se esquecer de que, se tensão demais arrebenta a linha da pipa, tensão de menos faz com que ela perca a estabilidade e o sentido.

Deixar o adolescente solto, sem limite ou sem orientação, é uma omissão do papel educativo que deve ser exercido pelos pais. Há momentos em que, pressionados pela mídia e pelos pares, os adolescentes sentem-se oprimidos e incapazes de reações de enfrentamento a determinadas pressões. É hora de puxar e enrolar a linha para reconduzi-lo a uma postura de equilíbrio.

Pais e mães comprometidos com a educação de seus filhos não devem ter medo dizer não. Devemos esclarecer que pais não são “coleguinhas” e que, algumas vezes, mesmo correndo o risco de sermos tomados como antipáticos, temos a responsabilidade de impor alguns limites.

Os pais, então, têm a árdua tarefa de “puxar” e “soltar” o filho, como possivelmente fizeram com a pipa, quando crianças, até que se atinja o objetivo da educação, ou seja, que ele saiba “gerenciar” a angústia das escolhas e vivê-las de forma intensa.

*Francisca Paris. Em: Almanaque Saraiva. Outubro, 2008*

***Refleta ...***

***e não esqueça que amanhã pode ser tarde!***

Serviço de Orientação Educacional